

RN45-9

Rubem Braga

O SULTÃO PEDIU EM CASAMENTO...

O sultão Mulai Ismail pediu em casamento Marie-Anne de Bourbon, filha do Rei Luís XIV e de Mademoiselle de la Valière. Isso foi por volta de 1700. Não lhe deram a mão da môça. O sultão deve ter ficado aborrecido, mas parece que procurou se distrair; ao fim de seu glorioso reinado, que durou 55 anos, êle deixou nesta cidade de Meknês cêrca de 800 filhos.

Aqui, durante um século e meio, eram guardados os cristãos cativos; viviam dentro de um recinto murado, mas tinham suas liberdades; a certa altura êles se dividiam em quarteirões segundo suas nacionalidades, e tiveram licença para construir uma igreja capaz de abrigar 600 fiéis. Muitos foram resgatados a bom preço através dos anos; alguns, tendo perdido a fé nos parentes e amigos que não lhes pagavam o resgate, acabaram perdendo também a fé cristã, fizeram-se muçulmanos e se misturaram à população; os últimos foram libertados ainda no século passado, em 1816.

Altas portas e longos muros nos falam da glória de Mulai Ismail; sempre gosto de saber os nomes dessas belas portas marroquinas, e se um dia publicar um livro de versos o chamarei certamente "Bab el Bahar" ou, ainda melhor, "Bab Er Rih", o que, em língua cristã, quer dizer "Porta do Mar" e "Porta dos Ventos".

Corro a medina, e, como sempre, me detenho a ver o trabalho dos artesãos. Vi-os em Féz, aos milhares, a trabalhar com extraordinária minúcia e agilidade o couro, o ferro, o cobre, a palha, o barro, a madeira, a lã. Aqui encontro um que enche a borda e o centro de grandes bandejas de aço ou de cobre com desenhos em fio de prata. Êle reproduz cada traço na direção e na espessura certas, e acerto com êle trazer desenhos do Brasil para sua oficina estreita e escura.

Mas saímos ao vento, e alguns quilômetros adiante vamos visitar Volubi-

lis, cidade romana, onde mandou um neto de Cleópatra e Marco Antônio que Calígula haveria de mandar matar por pura inveja. Aqui está erguido um arco de triunfo em honra de Caracala, há muralhas de Marco Antônio, e houve monumentos de Cômodo, mas as obras de arte mais preciosas foram levadas para o Museu de Rabat. Resta-nos ver os muros e as colunas de mármore de capitéis variados, os mosaicos do ano 200: os trabalhos de Hércules, Orfeu de lira em punho, cercado de animais, peixes imaginários no fundo de uma piscina, um palhaço de circo montado em um cavalo de frente para a garupa. As oliveiras, altas como sobreiros, que vimos no caminho já existiam naquele tempo, e também o trigo que neste mês ainda tem a altura do capim: aqui estão as pedras em que a azeitona era espremida e o trigo moído.

Subimos depois a Mulai Idrias, alcantilado burgo onde viveu o santo que foi o primeiro príncipe árabe do Marrocos, bisneto de Fátima, a filha do Profeta, e de seu fiel amigo Ali. Lembra San Gimignano, com ruas ainda mais estreitas e mais bruscas, onde não pode subir o carro. A paisagem lá de cima é maravilhosa, e as muralhas falam de guerras antigas, povos que aqui viveram e lutaram... Mulai Idrias não deve ter mudado muito nestes últimos 1000 anos, e êsses meninos bérberes que saltam pelas ruas são para mim misteriosos e distantes como seus remotos avós.

Mas numa curva de caminho paro para sorrir: criança é a mesma coisa em qualquer parte do mundo, desde que mundo é mundo: um bando de moleques desce o dorso verde de um morro, cada um sentado em sua fôlha de pita, rindo, gritando, exatamente como fazíamos nós, moleques de Cachoeiro de Itapemirim, há uns 40 anos atrás, nos altos do açude do Amarelo, no morro lá atrás de casa...